

Brasil atrai petrodólares

VICENTE NUNES

DA EQUIPE DO CORREIO

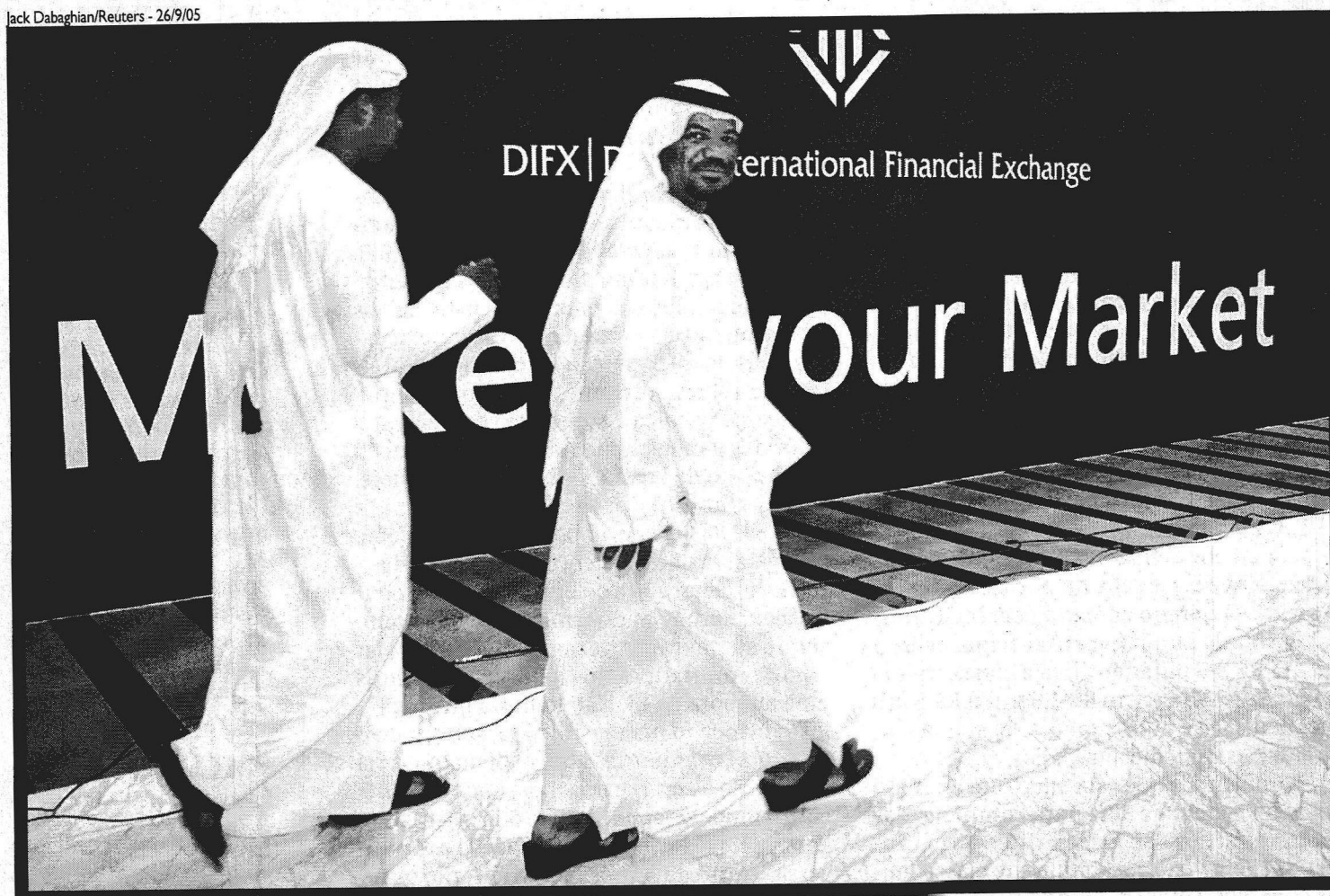
A Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa) entrou na rota dos petrodólares. Entusiasmados com os bons indicadores econômicos do Brasil e com a perspectiva de rentabilidade das ações de empresas brasileiras, investidores de países árabes, todos produtores de petróleo e gás, estão aportando no país e ajudando, segundo os especialistas, no processo de descolamento do mercado acionário nacional do péssimo desempenho da economia dos Estados Unidos (leia matéria ao abaixo).

Somente os Emirados Árabes Unidos, formado, entre outros, por Dubai e Abu Dhabi, registraram, entre junho do ano passado e janeiro de 2008, sete fundos de investimentos junto à Comissão de Valores Mobiliários (CVM) para operar na bolsa paulista. Três outros têm origem na Arábia Saudita, um no Bahrain e três são do Kuwait (estes, ingressados entre fevereiro e abril de 2007). São fundos soberanos — formados por reservas cambiais daqueles países — e fundos de investidores comuns, pessoas físicas e empresas.

A CVM não soube informar, porém, quanto esses fundos árabes já aplicaram no país. “Mas não foi pouco”, garantiu Sidney Alves Costa, integrante do Comitê de Implementação Econômica entre os Países Árabes e as Nações Sul-Americanas. “Ao optar pela estabilidade da economia, o Brasil se credenciou para receber recursos estrangeiros. Os fundos árabes são enormes e têm de encontrar boas oportunidades de investimentos, para que o excesso de liquidez naqueles países não incentive a inflação”, afirmou. Pelas contas do Fundo Monetário Internacional, entre 2004 e 2008, as receitas com petróleo dos países do Golfo Pérsico somarão US\$ 1,9 trilhão, graças à forte valorização do óleo. Ontem, depois de fechar em nível recorde de US\$ 102,59 o barril, subiu ainda mais nas negociações após o fechamento, para US\$ 102,97, na Bolsa de Nova York.

Segundo Costa, os mesmos investidores árabes que têm vindo para o Brasil estão sendo procurados pelos americanos para injetar recursos nos Estados Unidos e, assim, evitar uma derrocada maior da economia daquele país e, principalmente, salvar os bancos que quase quebraram depois do estouro da bolha imobiliária e do calote dos subprimes, títulos de alto risco. “Os fundos soberanos árabes enfiaram bilhões de dólares no Citibank e de-

Jack Dabaghian/Reuters - 26/9/05



DUBAI, UM DOS IMPORTANTES CENTROS FINANCEIROS DO MUNDO ÁRABE: INVESTIDORES ESTÃO MONTANDO FUNDOS PARA APLICAR NO BRASIL

“**AO OPTAR PELA ESTABILIDADE DA ECONOMIA, O BRASIL SE CREDENCIOU PARA RECEBER RECURSOS ESTRANGEIROS**”

Sidney Alves Costa, integrante do Comitê de Implementação Econômica entre Países Árabes e Nações Sul-Americanas

ram um forte alívio ao Banco UBS, da Suíça”, assinalou. “Mas eles querem e precisam diversificar os negócios. E o Brasil entrou no radar”, acrescentou. De olho nesse mercado, o Banco do Brasil e o Itaú estão abrindo escritórios em Dubai. E o HSBC intensificou a “venda” do Brasil nos portfólios de investimentos apresentados aos árabes.

Apetite de gigante

Os investimentos em bolsa são, porém, o primeiro de três passos que os árabes costumam dar em suas estratégias. “A compra de participações acionárias em empresas por meio do mercado de

capitais funciona como um período de aprendizado”, explicou Costa, que tem trazido missões de investidores árabes para o Brasil. O segundo passo é partir para projetos específicos. “E alguns estão fazendo nos setores imobiliário e de hotelaria.” O terceiro passo é fechar parcerias.

Na avaliação de Kléber Hollinger, diretor da Corretora Americaninvest, a maior parte dos investimentos árabes destinados à Bovespa ingressou a partir de outubro passado. Mas, desde 2001, pelos registros da CVM, os produtores de petróleo vasculham oportunidades no Brasil. O primeiro fundo com recursos oriundos de Omã foi registrado na CVM em janeiro daquele ano. A instabilidade econômica do país, no entanto, afastou esse capital, que só voltou a prospectar negócios a partir de 2005, quando o Brasil passou a emitir sinais de crescimento com inflação sob controle.

No total, a CVM já registrou 25 fundos de investimentos de origem árabe. Não é nada perto dos 11.217 fundos credenciados junto à autarquia para tirar proveito dos mercados acionário e de renda fixa do Brasil. “Na semana passada, um grupo de investidores árabes circulou pelo Rio de Janeiro com disposição de que querem muito mais por aqui”, acrescentou Hollinger.